XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

Levantamento e montagem de banco de dados sobre protestos e greves no Brasil (1999-2016)

Gleisson Henrique Belotti

Resumo

Este projeto se insere num projeto de pesquisa coletivo que tem como objetivo realizar levantamento e montagem de um banco de dados sobre protestos e greves no Brasil realizados entre 1999 e 2016, período que corresponde ao segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso e aos mandatos de Lula e Dilma. A intenção é mapear, nacionalmente, os registros de protestos de rua, a partir de um esforço sistemático de leitura do jornal Folha de S. Paulo.

Palavras-chave:

Banco de dados; protestos; greves

Introdução

O banco de dados elaborado no decorrer da pesquisa contém, dentre outros, as seguintes variáveis:

1. Data de início do evento
2. Base social mobilizada
3. Ocupação (no caso de trabalhadores)
4. Alvo do protesto
5. Objetivos
6. Local do protesto
7. Número de participantes
8. Organização que convoca o protesto
9. Tipo de protesto
10. Confronto e violência (com a polícia e outros)
11. Data de término

Meu objetivo específico, ao analisar os dados do banco, foi verificar se há uma continuidade ou descontinuidade em termos de base social que protesta no período conhecido como "governos do PT": O projeto parte da hipótese de que os protestos de 2013 e 2015/2016 estão associados a um mesmo ciclo histórico de mudanças, relacionadas às políticas implementadas pelos governos do PT, que alguns autores denominaram de "lulismo" e suas políticas de conciliação de classes (Singer, 2013)¹ e outros de neodesenvolvimentismo (Boito, 2012)² Como caracterizar os manifestantes que participaram das manifestações de junho de 2013? Como subproletariado? (Singer, 2013)¹. Precariado? (Braga, 2012)³ Trabalhadores de modo geral e classe média? (Singer, 2013)¹. E os que protestam em 2015 e 2016 pedindo o impeachment de Dilma? Classe média? (Cavalcante, 2015)⁴.

Resultados e Discussão

Através de uma codificação das bases sociais ligadas a território e ocupação - questões ligadas à produção e reprodução das condições de existência-, buscou-se testar as hipóteses presentes na bibliografia. A grande maioria

dos protestos noticiados no jornal "Folha de São Paulo" tinha relação com o mundo do trabalho, correspondendo a aproximadamente 40%⁵ do total de eventos noticiados. As categorias profissionais que mais protestaram são funcionários públicos, agentes ligados à indústria privada e aos serviços. A maior parte dessa porcentagem corresponde a setores mais vulneráveis da sociedade, sem teto, sem terra, com condições mínimas de sobrevivência, e também de trabalhadores manuais com baixa e média qualificação e posição na hierarquia, correspondendo a trabalhadores sindicalizados com o mínimo de direitos formais.

Conclusões

Essa onda de protestos não pode ser considerada uniclassista, mas sim pluriclassista. As condições de trabalho, somadas à percepção de uma deterioração econômica a partir de 2013, fizeram com que a insatisfação se tornasse geral, expressando-se nos protestos de Junho, aliados a um crescente número de greves⁶. Ao mesmo tempo em que é possível identificar trabalhadores precários nos protestos, houve uma reação de setores da classe média que, tendo de competir com a nova massa de trabalhadores formalizados, crendo numa ideologia do mérito pessoal e tendo de dividir espaços antes exclusivos para si, como shopping centers e aeroportos⁴, fizeram com que essas manifestações adquirissem um viés oposicionista ao governo, por meio de bandeiras como diminuição dos gastos públicos e principalmente movimentos contra a corrupção⁴. Esses foram os manifestantes que continuaram presentes nas ruas em 2015 e 2016.

Agradecimentos

À minha família, que sempre me apoiou em minhas escolhas, à minha orientadora, Profa. Andréia Galvão, pela preciosa ajuda com o desenrolar do trabalho e ao CNPQ, pelo fomento a esta pesquisa.

¹ SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. Novos estudos - CEBRAP [online]. 2013, n.97, p. 23-40.

² BOITO JR, Armando. **As bases políticas do neodesenvolvimentismo**. 2012.

³ BRAGA, Ruy. **A Política do Precariado - do Populismo à Hegemonia Lulista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

⁴ CAVALCANTE, Sávio. **Classe média e conservadorismo liberal**. In: Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. VELASCO e CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). São Paulo: Editora Fundação, Perseu Abramo, 2015, p. 177-196.

⁵ conf. Banco de Dados do Nepac, 2017

⁶ *idem*